

# Escola: lugar de conhecimento, compromisso, desafios para estudantes de Pedagogia e Medicina

---

*Sandra Lúcia Ferreira Acosta Soares*

*Clarilza Prado de Sousa*

O estudo da escola como objeto de representações sociais tem revelado imagens multifacetadas e transitórias, como um espaço simbolizado de relações onde o real e o imaginário se interpenetram. Uma das formas de compreendê-la, portanto, nesta perspectiva simbólica, é com base nas imagens construídas pelos autores que nelas convivem e constroem suas representações.

As representações associam a noção de imagem àquela de representação, e se revelam nos aspectos semânticos. A palavra “representação” pode ser definida como “idéia ou imagem que concebemos do mundo ou de alguma coisa” (Houaiss e Villar, 2001) e “imagem”, como “representação da forma ou do aspecto de ser ou objeto por meios artísticos” (idem).

Neste estudo, procurou-se investigar as relações estabelecidas entre esses dois termos. “Representação” entendida como aquela que designa uma ação e “imagem” como aquela que designa uma forma. Essa distinção é fundamental, pois implica associar à representação aspectos voltados a processo e à imagem aspectos de produto. Essa compreensão, que envolve produto e processo, encontra-se sustentada nas análises dos múltiplos processos que organizam a dinâmica das representações, como as cognições, objetivações, ancoragens, que constituem o conteúdo da representação. Moliner (1996), ao concordar com essa idéia, reafirma que as cognições são operadas para apreender e interpretar o ambiente social. As elaborações das imagens encontram-se atreladas aos resultados dessas interpretações.

O presente trabalho identificou as representações sociais de um grupo de estudantes de Pedagogia e Medicina do estado de São Paulo, procurando compreender a imagem de escola elaborada por eles, a partir da análise de narrativas desenhadas e escrita coletadas junto a eles.

## Toda idéia é uma imagem

Ao propor a teoria das representações sociais, Moscovici (1978) definiu-a em um espaço psicossociológico, superando nessa perspectiva o conceito de representações coletivas de Durkheim, que impõe limites à compreensão de fenômenos fora da ótica ideológica, mítica, religiosa ou primitiva. O conceito de representação social, ao contrário, permite abarcar a plasticidade e a mobilidade do universo psicossocial, o que veio ampliar de forma reveladora o conhecimento dos processos de apreensão da realidade social pelo sujeito e a compreensão da construção das estruturas de conhecimento como resultantes desse processo. Permitiu enfim, interpretar a dialogicidade que define a participação do sujeito na construção da realidade.

As representações sociais tornam possível a expressão simbólica da realidade construindo significações que “sendo simultaneamente simbólicas e sociais, expressam a subjetividade, a intersubjetividade e o mundo objetivo” (Jovchelovitch, 2007, p. 3) e se apóiam no poder simbólico da imagem para criar o objeto representado.

Esse processo dialógico de criação do real, no qual a imagem tem papel fundamental, é assinalado também por Maffesoli (1995), que afirma a necessidade de analisar “o mundo imaginal, contaminado por idéias coletivas, emoções comuns e imagens de todo o tipo” (p. 110), no qual as diversas manifestações do imaginário, do simbólico e da imagem ocupam, em todos os domínios, um lugar de crescente primazia.

A imagem não é de maneira alguma uma duplicação da realidade, ela tampouco é o reflexo de uma infra-estrutura à qual pertenceria toda a realidade. É antes um buraco sem fundo, um sol negro que pode cegar. (...) Porém, ao mesmo tempo, a imagem, diferentemente do mecanismo da razão, exprime bem a organicidade profunda de cada coisa. É o que chamei de holismo. É o que explica que seja, ao mesmo tempo, fator de desagregação: a do mecanismo e do racionalismo, próprios da modernidade; e fator de agregação: em torno dela reúne, comunga-se. (Ibid., p. 138)

As manifestações do simbólico surgem como uma condição do *Homo sapiens* para dar formas simbólicas ao universo, para ele se constituir no *Homo symbolicus*, ou seja, aquele capaz de gerar traduções mentais, imagens, de uma realidade exterior vivida, dando significado ao mundo. Assim, as manifestações da imagem

são sempre produções do sujeito – literatura (escrita) e a iconografia (imagens) – que implicam a revelação do objeto ao próprio sujeito. As produções são realizadas, de modo geral, a partir de uma decodificação de signos de determinada cultura e, ao mesmo tempo, da compreensão do sentido e da organização que são dados a eles.

Reafirmando, o sentido das manifestações da imagem vai ser dado ao sujeito por meio do contexto e da rede de informações que ele possui. Ao representar, entrelaçam-se um conjunto de conhecimentos advindos de informações do contexto sociocultural em que a situação ocorreu. Esse conjunto de conhecimentos que o sujeito tem sobre o tema e suas inferências, para Geertz (1989), informa o conceito de cultura. Geertz concebe o conceito de *cultura* constituído de significados transmitidos ao longo do tempo, em forma de símbolos que são herdados, com os quais os homens comunicam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades durante a vida.

As imagens construídas são possíveis de ser investigadas a partir de alternativas metodológicas diferenciadas. Maffesoli (1995) sugere, para o estudo da imagem, uma metodologia que valorize a união do rigor científico e da sensibilidade colhida na vivência do cotidiano, elaborando uma proposta de análise que considere a tomada de consciência da pluralidade do real; e leve a sério o jogo das imagens, entendidas como uma perspectiva que “nega a separação, em todos os domínios: as palavras e as coisas, a natureza e a cultura, o corpo do espírito, e empenha-se em considerá-los em sua globalidade, em sua totalidade” (pp. 95-96). Foi a orientação que procuramos seguir na presente pesquisa.

## Representações sociais e imagens: as noções de produto e processo

O conceito de imagem revela-se como abstrato e de difícil precisão. Do latim *imágo, inis* (semelhança, representação) (Houaiss e Villar, 2001), uma imagem liga noções abstratas a objetos diretamente perceptíveis. Nesse sentido, o estudo aqui descrito sobre a imagem que estudantes de Pedagogia e de Medicina têm da escola objetiva descrever ao mesmo tempo, com base nas representações sociais, aquilo que eles vêem na escola e também maneira como interpretam essas percepções.

A conceituação de imagem compreendeu o estudo da *face figurativa* (objetivação) e da *face simbólica*, ou melhor, da rede de sentidos estruturada capaz de interligar elementos que se relacionam à escola (*âncoragem*). Em outras palavras,

quando nos empenhamos em estudar a imagem, interessamo-nos pelo processo (ancoragem) de assimilação de novas informações a um conjunto cognitivo-emocional preexistente e pela transformação (objetivação) de um conceito abstrato em algo tangível.

Para Moscovici, essas *duas faces – a face figurativa e a face simbólica – são tão pouco dissociáveis quanto a frente e o verso de uma folha de papel*, fazendo-nos compreender que há uma relação entre elas: “A toda figura um sentido e a todo sentido uma figura” (1978, p. 65).

Nesse sentido, para a constituição da imagem, foi necessário o levantamento dos diversos pontos associados à *objetivação* e à *ancoragem*, capazes de revelarem um quadro amplo de referência (informações, ideologias, normas, crenças, valores, atitudes, opiniões, etc.). A imagem é um elemento significativo da representação social. E, assim como a imagem, a representação “fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime” (Moscovici, 1978, p. 26).

Contudo, a representação social (face figurativa e face simbólica) não nos permite conhecer todas as possibilidades de compreensão do objeto escola. Trata-se de uma constatação cuidadosa, que permite afirmar: a imagem da escola é mais que a soma dos elementos que a constituem. “O todo é mais do que a soma de suas partes” (Morin, 2002, p. 261).

A partir do conceito de imagem brevemente descrito e das considerações da teoria das representações sociais, foi possível desenvolver estratégias para a construção, tanto do quadro amplo de referências quanto do quadro analítico, que, juntos, procuraram *explorar e compreender as imagens da escola, elaboradas por um grupo de universitários paulistas*. Quais dimensões de análises, presentes nas representações sociais e pouco exploradas em estudos da área, como emoções, valores, símbolos, crenças e afetos, entre outras, necessárias para o estudo de imagens, influenciam a elaboração e as mudanças de representações sociais?

O encaminhamento metodológico implicou a utilização de uma diversidade de procedimentos aplicados a um conjunto de jovens estudantes de Pedagogia e Medicina. Tal encaminhamento foi respaldado pela perspectiva de apreender as imagens da escola compreendendo suas relações interdependentes, seus personagens e suas relações com o espaço onde atuam, e os símbolos com os quais convivem. Portanto, optamos pela coleta, processamento e análise de dados que envolveram a narrativa desenhada (desenho) combinada às técnicas de narrativas escritas.

## Exploração e análise dos desenhos

A análise dos desenhos seguiu os passos propostos pela pesquisa qualitativa, realizando uma adaptação do método análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), e, sob essa perspectiva, as análises foram organizadas em três etapas: pré-análise, descrição analítica e interpretação, inferência ou discussão dos resultados.

Os resultados temáticos da análise de conteúdo indicaram quatorze categorias e 153 subcategorias, que foram assim distribuídas: Espaço da escola (sete categorias e 72 subcategorias); Personagens (três categorias e 44 subcategorias) e Símbolos (quatro categorias e 37 subcategorias).

As análises dos desenhos realizadas revelaram dois conjuntos de elementos simbólicos preponderantes, que poderiam ser compreendidos como composição de duas representações sociais diferenciadas sobre a imagem de escola ou como elementos diversificados de uma única representação social da escola para esse grupo investigado.

O primeiro conjunto de elementos caracterizou-se pela materialidade. Essa tendência pode ser traduzida quanto aos aspectos que caracterizam o *espaço escolar*: constituído por uma área interna que tem a sala de aula como ambiente mais característico. Na área externa, encontraram-se o pátio, o jardim e a quadra de esportes. Os materiais didáticos mais mencionados foram: a lousa, o giz e o apagador. O mobiliário resumiu-se à mesa e à carteira.

O segundo enfatizou o espaço de relação. A representação foi marcada por uma forte relação entre os *personagens* professor e aluno. A eles foram associados o interior do espaço escolar, os símbolos afetivos, as relações amorosas e os materiais didáticos. Observou-se, em particular, a questão da felicidade expressa nos desenhos elaborados. Tal questão foi contida numa dimensão estética associada à presença da sensibilidade, da afetividade e da amorosidade.

Ao analisar os dados coletados, de forma separada, fazendo um corte nas informações oferecidas por universitários de Pedagogia (40) e de Medicina (38), obtivemos dois conjuntos de elementos simbólicos distintos, passíveis de comparação. Estudantes de Pedagogia e de Medicina retomam e combinam os conceitos que gravitam no entorno da escola, sempre em consonância com a sua visão de universidade ou de formação, e com suas atitudes de jovens universitários.

A comparação revelou-nos que a diferença da imagem da escola pode ser creditada aos pontos de ancoragem de cada um dos grupos de sujeitos investi-

gados, uma vez que os elementos da objetivação, os que correspondem à face figurativa, são comuns aos dois grupos investigados. Isso fica claro quando observamos a tabela de categorias, Matriz descritiva dos desenhos (vide Anexo), e nela encontramos a distribuição de porcentagens, tanto para a coluna que representa os estudantes de Pedagogia como para a que representa os de Medicina.

Neste sentido, para os *estudantes de Pedagogia*, a imagem da escola sugere um ambiente de ensino infantil ou fundamental cuja função é a de educar, oferecer formação instrutiva e socializar. Um espaço fechado por muros e portões envolto num clima harmonioso onde não há lugar para conflitos e lutas. As imagens parecem vir de uma vivência que já passou – imagens marcantes de uma infância ingênua e distante da escola em que vivem hoje como alunos.

Para os *estudantes de Medicina* a imagem da escola parece ser constituída por elementos que caracterizam a própria Faculdade de Ciências Médicas onde eles mesmos são alunos. São exemplos: a estrutura física que sugere a construção de um prédio representado por vários andares, o estetoscópio, os leitos, os pacientes em atendimento e o símbolo da universidade.

Uma oposição divide os estudantes de Medicina em dois grupos. Do primeiro, fazem parte aqueles que acreditam ser a escola um acontecimento que, por sua importância, marca as histórias pessoais que determinarão o futuro profissional. No segundo, assim como para os estudantes de Pedagogia, estão aqueles que acreditam que a escola tem a função de educar, oferecer formação instrutiva e socializar. Em ambos os grupos os pesquisados representam a escola como um resultado positivo da ponderação entre o esforço subjetivo (fazer um percurso educacional até chegar à faculdade, estudar até tarde, receber o diploma) e a realização de uma meta (formar-se, ser médico ou pedagogo).

Os desenhos da escola foram definidos como o primeiro conjunto de informações, constituído de características e propriedades, que o grupo de pesquisados atribuiu a essa instituição. No próximo conjunto de análise de dados, a seguir, as narrativas escritas produzidas a partir do que foi desenhado buscam aperfeiçoar os conjuntos de elementos simbólicos.

## **Exploração e análise das narrativas escritas**

A análise das narrativas escritas sobre os desenhos possibilitou outros olhares e novos significados ao conjunto de elementos simbólicos já esboçado inicialmente. Avançamos no estudo, investindo na identificação e na recuperação

de outros elementos da imagem da escola que pudessem refletir a representação social da escola para esse grupo de universitários investigados. Para alcançar tais objetivos, empregamos, aos dados, uma análise da centralidade que buscou salientar os conteúdos, ou seja, os elementos organizados da representação social. Foram analisados os dados coletados das 78 narrativas escritas sobre os desenhos. Para o tratamento analítico do material utilizou-se o programa Alceste. Estudar a elaboração e o funcionamento de uma representação social implica também a compreensão da sua composição ou organização. Isso significa levar em consideração o que propôs Moscovici (1978). Para o autor, existem três dimensões pelas quais os conteúdos de uma representação podem ser organizados: o campo da representação ou da imagem, o da informação e o da atitude.

A *dimensão do campo* remete-nos à estrutura interna dos conteúdos das proposições referentes à escola. A estrutura permite constatar que uma representação é sempre uma unidade de elementos *ordenada e hierarquizada*. Segundo Campos, essa concepção nos leva a perceber as representações como uma construção sociocognitiva, quer dizer, uma construção submetida a uma dupla lógica cognitiva e social, submetida à influência do contexto discursivo e do contexto social (2003, p. 22).

Buscando a compreensão dessa lógica, cognitiva e social, as análises da dimensão do campo das representações sociais da escola foram esboçadas inicialmente pela exploração dos elementos dos desenhos e, posteriormente, ampliadas pela análise dos constituintes das narrativas escritas.

Os resultados indicaram quatro dimensões da imagem da escola para esse grupo de estudantes. Duas delas são mais fortemente compartilhadas: a primeira (valorativa) e a quarta (idealizada). A terceira, menos compartilhada, apresenta-se como extensão da quarta (idealizada), porque trata das mesmas noções, só que estabelece um olhar da posição de aluno. A segunda (escola dos médicos), apesar de pouco compartilhada, é muito significativa, pois revela a especificidade de um grupo de estudantes que têm como imagem da escola a representação social constituída por elementos que se encontram no entorno imediato de seus cotidianos: os hospitais e a Faculdade de Ciências Médicas.

A segunda dimensão, a *informação*, refere-se à qualidade de informações que o grupo conhece acerca do objeto da representação (Moscovici, 1978). Os resultados indicam que os alunos de Pedagogia, principalmente aqueles que trabalham durante o dia e estudam no período noturno, elaboraram a imagem da escola como um espaço valoroso, que tem como objetivo fazer crescer o outro,

principalmente as crianças. A escola é uma extensão da família, que tem como meta a formação mais ampla dos alunos. Os estudantes de Medicina refletiram as características da escola na qual vivem como alunos, definindo, em muitos casos, as lutas e as conquistas vistas por uma ótica de caráter pessoal – estudar até tarde, ficar longe da família, manter-se na universidade, integrar-se à faculdade. Os alunos que estão fora do mercado de trabalho tendem a reconhecer os enfrentamentos dos problemas cotidianos numa perspectiva de escola idealizada. Colocam-se na posição de alunos, justificando sua incapacidade de ação. Declaram, por conhecerem o interior da escola, os pontos que precisam de investimentos – aspectos físicos, materiais, de relacionamento, de conteúdos, de “transmissão” –, mas não sabem como fazer. Já os poucos alunos que se encontram dentro do mercado de trabalho reconhecem as lutas e conquistas voltadas para a formação de valores, cidadania e ética. Ambos os grupos, dos que trabalham ou dos que não estão no mercado de trabalho, reconhecem o direito à educação e relacionam suas lutas ao atendimento de necessidades levantadas no ambiente escolar.

Para os estudantes de Medicina, a boa escola está associada a experiências do cotidiano e de suas vivências escolares. Um ensino de período integral, cercado de amigos e que exige muito em termos de aprendizagem.

A terceira dimensão, da *atitude*, reflete o conjunto de disposições afetivas ou as orientações positivas ou negativas com relação ao objeto socialmente representado, seja uma atitude favorável, desfavorável ou neutra. A constituição da atitude refere-se às experiências subjetivas, fruto de processos comparativos decorrentes da interação social. Segundo Moscovici (ibid.), é por meio dela que o homem representa as orientações globais acerca de um objeto social. Assim ela [interação social] consegue incutir um sentido no comportamento, integrá-lo numa rede de relações que está vinculada ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes.

A análise das facetas possibilitou uma constatação: os pontos positivos destacados pelos universitários sobre a escola atribuem-lhe um *status* de lugar de aprender.

Esse *status* pode, também, ser relacionado com outra função da representação social: a de identidade. Essa função tem por objetivos definir a identidade e especificidade dos grupos e assegurar um lugar primordial nos processos de comparação social. Abric (1998, pp. 28-29) salienta que a representação do grupo

se caracteriza sempre por uma superavaliação de seus aspectos considerados positivos: “Essa função tem um papel importante no controle social exercido pela coletividade sobre cada um de seus membros e nos processos de socialização”.

A afirmação “controle social exercido pela coletividade” levou-nos a observar que a diferença entre os estudantes de Pedagogia ou de Medicina vai além do conjunto de seus currículos acadêmicos. Ser estudante de um determinado curso é também construir uma identidade que se constrói a partir de representações e práticas que os sujeitos organizam em suas relações.

Ao indagarmos sobre o estudo da identidade revelada pelos estudantes de Pedagogia e Medicina, os resultados do programa Alceste indicaram uma classe específica para os estudantes de Medicina. E uma outra constituída por um percentual significativo de estudantes de Pedagogia (67%).

Assim, os dados sugerem que, na identidade dos estudantes de Medicina, podem estar impressos elementos que os identifiquem como um grupo: VITORIOSOS pela entrada na faculdade de Medicina. Sentem-se orgulhosos pela passagem no vestibular; POSITIVO pela expectativa com relação ao seu percurso de formação, estabelecendo um compromisso duradouro com a escola e seus amigos; CONVICTO por sua escolha pela área médica.

A identificação do grupo de estudantes de Pedagogia pode estar associada a um grupo: IDEALIZADOR por seu conjunto de idéias; MEDIADOR por suas denúncias de falta de integração.

## Exploração da associação livre de palavras

A *associação livre de palavras* é uma técnica, segundo Bardin (1977), que ajuda a localizar zonas de bloqueio e de recalçamento de um indivíduo. Consiste em solicitar “aos sujeitos que associem, livre e rapidamente, a partir da audição das palavras indutoras (estímulos), outras palavras (respostas) ou palavras induzidas” (p. 52). No presente estudo, a técnica foi operacionalizada pela associação do objeto indutor ao desenho. Foi solicitado aos estudantes de Pedagogia e Medicina que, ao término da realização do desenho, circulassem, no próprio desenho realizado, utilizando caneta vermelha, um único elemento que considerassem o mais importante. Em seguida, escolhessem mais três novos elementos desenhados que entendessem ser relevantes e os registrassem em ordem de importância.

Os resultados coletados possibilitaram a imersão em campos semânticos referentes à escola. As duas abordagens utilizadas – análise qualitativa e uso do

programa Evoc<sup>1</sup> – permitiram-nos identificar mais elementos da imagem da escola para os dois grupos de estudantes investigados. Verificamos que, apesar de existirem pontos em comum, os estudantes de Pedagogia diferenciam-se dos de Medicina, confirmando mais uma característica da representação que não foi a reprodução rigorosa das qualidades do objeto, mas uma remodelagem concebida como não separada da atividade simbólica do sujeito, ele mesmo solidário de uma inserção no meio social (Moscovici, 1978).

A análise das três dimensões da representação da escola – *a atitude, a informação e o campo* – focalizou a imagem inerente ao conceito de escola que nos permitiu destacar as semelhanças e diferenças predominantes nos dois grupos investigados.

A *atitude* positiva, expressa de modo geral e comum aos dois grupos, revelou-se predominantemente na associação entre “ambiente harmonioso” e o “relacionamento interpessoal amigável”. Podemos indicar, ainda, que o julgamento de valor da escola está associado à “solidez de uma boa instituição”, reconhecida, principalmente, pelos estudantes de Medicina. Articularam-se a esse julgamento traços de sua formação pessoal, “dedicação” e “determinação” de quem estuda “em busca de um ideal”. Notamos que no caso dos alunos, principalmente os de Pedagogia, a imagem de “bom professor” também foi configurada por traços de uma formação pessoal – “formação profissional”, “interessado”, “disposto”, “vontade de dar aula” – que é, em grande parte, resultado do talento pessoal.

Salientar questões que envolvam esses dois personagens, professor e aluno, é identificar aspectos diretamente ligados à representação social da escola para os dois grupos de estudantes investigados. Isso porque esses personagens estão contidos no núcleo central que as representações sociais consolidam a partir da vinculação de idéias, mediadas pela realização de ações concretas.

Assim, por vivenciarem e internalizarem papéis de professores e alunos, os pesquisados declararam o conceito que tinham construído do que significa para eles ser “bom”. Essa análise permitiu observar como a natureza ideológica das relações de professor e aluno forma constitutivas das representações de escola e indicou como a noção do que é ser “bom” professor, a idéia do “esforço” individual e de qualidades pessoais acompanham a cultura da escola.

1 O programa Evoc foi construído na França, nos anos de 1990, por Pierre Vergès e seus colaboradores. Sua denominação refere-se a um Conjunto de Programas que Permitem a Análise das Evocações.

Do ponto de vista da *informação*, as análises das palavras indicaram poucos conhecimentos específicos referentes à escola. Eles foram traduzidos a partir das categorias interpretativas que descreveram objetos e ações típicas referentes ao universo escolar – “universo pedagógico curricular” e “material escolar” – que corresponderam a porcentagens pouco significativas para os dois universos investigados (25% e 5% para os estudantes de Pedagogia e 31% e 4,4% para os estudantes de Medicina, respectivamente).

Os estudantes de Pedagogia descreveram a infra-estrutura e seus ambientes típicos, principalmente a sala de aula. Não definiram com precisão quais são os materiais escolares, mas identificam o livro e a lousa como tais. Os estudantes de Medicina destacaram a área de recreação, a biblioteca e a sala de aula como ambientes significativos da escola e o livro como material escolar típico.

A análise do *campo de representação* considerou a organização e a hierarquização das palavras para o entendimento do esquema figurativo da escola que estrutura a representação social. Tais procedimentos metodológicos favoreceram ainda a presença de elementos típicos ou relevantes para cada um dos dois diferentes grupos de estudantes investigados, Pedagogia e Medicina, embora alguns desses elementos típicos tenham sido registrados anteriormente por meio da análise dos desenhos e das narrativas escritas.

Os dados indicaram que os *estudantes de Pedagogia* projetaram a imagem de uma escola constituída por elementos positivos. A presença da palavra “criança” indicou-nos que a grande maioria desses estudantes enalteceu características de uma escola que não é aquela em que estão hoje como alunos, visto que as palavras fizeram menção a aspectos de uma escola de educação infantil ou do ensino fundamental – “duas meninas de mãos dadas”, “brincadeira-jogo”, “cantinho da leitura”, “sala de prece”, “brincando no recreio”, entre outras”.

Os *estudantes de Medicina* indicaram aspectos de um tipo de escola mais próxima ao da universidade que freqüentam como alunos. Destacaram o “hospital”, a “saúde” e a “relação médico-paciente”. As referências à sua própria escola, em alguns casos, foram explícitas. A presença de amigos também foi um destaque para esses estudantes, associada às palavras de “amizade” e “companheirismo”.

## Considerações finais

Nas considerações, procurou-se atender aos objetivos que nortearam este trabalho, ou seja: explorar imagens e por elas identificar os compromissos e desafios vivenciados na escola por um grupo de estudantes universitários paulistas.

O estudo das representações sociais orienta e preserva a forma como universitários dos cursos de Pedagogia e Medicina conduzem os princípios normativos, as relações intersubjetivas e mesmo como reconhecem e elaboram os espaços da escola. Elas são os alicerces sobre os quais um grupo, num determinado tempo e espaço históricos, constrói sua vida. Essas representações são manifestadas por imagens pelas quais os homens constituem suas vivências, que perpassam caminhos de interesse diversificados gerando o grande acervo de produções humanas – filosóficas, científicas, literárias ou artísticas – das quais decorrem sentimentos que traduzem as necessidades e os anseios de um dado grupo.

Nesse sentido, a representação social da escola contém as imagens das diferentes visões dos universitários de Pedagogia e Medicina, mas também contém o que Moscovici (2003) chama de “imagens-conceito”:

Todos os nossos discursos, nossas crenças, nossas representações provêm de muitos outros discursos e muitas outras representações elaboradas antes de nós e derivadas delas. É uma questão de palavras, mas também de imagens mentais, crenças, ou “pré-concepções”. (p. 242)

### *Imagens de escola para os estudantes de Pedagogia*

A constituição da imagem emerge de uma constituição simbólica, produzida por uma rede intersubjetiva, estruturada a partir de elementos de diferentes naturezas, como física, operacionais, midiáticas, psicológicas e sociais, em um processo histórico de uma dada realidade (Marcondes, 2004).

Assim, em síntese, as imagens dos alunos de Pedagogia, de forma geral, compreendem a escola como um ambiente cuja função é de educar, instruir e socializar. É um espaço fechado, protegido, harmonioso e acolhedor, cujos conflitos e lutas anunciados se encontram fora dos seus contornos. As imagens evocam uma infância ingênua e distante. O ambiente escolar é visto de forma muito positiva: imerso em uma natureza moral e permeado por afeto, os quais, associados ao talento individual do professor, fazem da escola um ambiente para formação das crianças (Educação Infantil ou do Ensino Fundamental). A escola

é valorizada como um espaço que irá fazer crescer e formar os pequenos alunos, portanto, é necessário o investimento na universalização do ensino. Para os estudantes de Pedagogia, a imagem da escola não é a daquela na qual eles estão hoje, mas sim uma escola idealizada, sempre ligada a um passado melhor. A função central da escola é a aquisição de conhecimento, saber e informação. As lutas e as conquistas, sempre coletivas, envolvem a participação de todos, incluindo-se os pais e a comunidade que cerca a escola, e estão ligadas à melhoria do espaço físico da escola e das condições de ensino.

### *Imagens de escola para os estudantes de Medicina*

As narrativas dos estudantes de Medicina mostraram a própria Faculdade de Ciências Médicas, da qual são alunos, e seus elementos constitutivos: estetoscópio, leitos, pacientes, etc. A escola ganha importância, marca as histórias pessoais deles, alunos, e abre o futuro profissional. Por sua importância, a escola precisa ser universalizada. Para os estudantes de Medicina, o valor da escola é dado pelas características daquela escola na qual estudam, a qual frequentam. A amizade e o relacionamento interpessoal estão sempre presentes e ajudam a compor esse valor.

Uma oposição divide os estudantes de Medicina em dois grupos. Do primeiro fazem parte aqueles que acreditam ser a escola um acontecimento que, por sua importância, marca as histórias pessoais que determinarão o futuro profissional. Para o segundo, assim como para os estudantes de Pedagogia, a escola tem a função de educar, oferecer formação instrutiva e socializar. Ambos os grupos representam a escola como um resultado positivo da ponderação entre o esforço subjetivo (fazer um percurso educacional até chegar à faculdade, estudar até tarde, receber o diploma) e a realização de uma meta (formar-se, ser médico).

Há uma forte convicção quanto à escolha pela Medicina. A função da escola, de sua escola, parece indicar um investimento no crescimento e na formação dos indivíduos, ou seja, neles mesmos. O aluno é o personagem central, que, de forma solitária, enfrenta obstáculos cotidianos: entrar na faculdade, manter-se nela, tornar-se mais qualificado.

Os resultados apresentados mostram que a representação social da escola converge para um conjunto de todas as imagens exploradas que demonstra coerência com a realidade social que o grupo investigado vive.

Utilizam em suas imagens elementos sofisticados e sedutores que revelam suas crenças, valores, expectativas e comportamentos. Encenam toda uma constelação de significados e crenças, ora consumidos, ora produzidos pela escola. Nessa constelação foram destacados conceitos historicamente oriundos de movimentos sociais organizados, de conotação bastante positiva no imaginário social. São exemplos: cidadania, participação, qualidade do ensino, que se articulam em forma de imagens, questionadas na compreensão superficial de suas significações.

Aspectos da cidadania aparecem pouco associados aos direitos políticos e sociais conquistados pelos indivíduos. Seu reconhecimento humano e social pertence ao direito de entrar na escola ou, mais precisamente, na faculdade e de permanecer nela. Os resultados declaram uma preocupação com o mundo econômico e poucas foram as manifestações que pudessem associar o universitário pesquisado a um sujeito político capaz de pôr em questão a lógica das relações sociais e o poder estabelecido. Assim, justifica-se a luta pela chegada à escola – “o vestibular, a lançadeira para a nossa vida profissional” – e pela permanência nela, pelo direito de ser uma “pessoa melhor”, ter um “futuro melhor”, visando a um campo profissional e a um diploma. Esses resultados apontam uma valorização, no sentido da individualização do ser humano, que se opõe à coletividade, trazendo como consequência a procura do trabalho, diante da concorrência por salários e carreiras.

Como uma característica importante da cidadania, a participação quase não aparece em suas narrativas. Quando mencionada, tem seu significado utilizado em situação pouco definida, como “troca de idéias”. A imagem de cidadão admite o pensamento competitivo com os próprios colegas no alcance da eficiência necessária para sua formação. A cidadania, como expressão de uma prática sociopolítica e coletiva, é substituída pelo engajamento funcionalmente produtivo de indivíduos que precisam “superar a si mesmos” com força de vontade própria, decididos a suprir a ausência de uma política pública em detrimento de uma imagem de autonomia pessoal ou da escola – “estudar na melhor escola do Brasil”.

A escola, como é vista por esses alunos, isola o sujeito. Podemos dizer que, na medida em que ação escolar valoriza o individual, os personagens dessa instituição se debruçam sobre suas tarefas, isolam-se em suas atividades cotidianas. Eles não mais notam a presença dos colaboradores que trabalham a seu lado, na mesma obra, e não concebem a idéia dessa obra comum. À medida que há a perda da visão de conjunto, há o desbotar das normas que refletem a solidariedade grupal. O enfraquecimento da interação impede o desenvolvimento de um sistema de regras comuns e de um consenso.

As características apontadas pelos resultados da pesquisa revelam que a representação social da escola, para esse grupo de universitários, está impregnada de conceitos que se opõem às perspectivas de formação universitária com objetivos de uma formação de sujeitos capazes de serem críticos, analíticos e de sistematizar e integrar conhecimentos da ciência e da cultura produzidas. As imagens da escola revelam modelos-padrão adotados e aceitos sem questionamento. Não há nada de novo.

## Resumo

Este texto procura discutir, por meio das representações sociais, as imagens que um grupo de universitários paulistas têm da escola. Para compreendê-la como um espaço de conhecimento, compromisso e desafios foi preciso considerar as imagens que vêm sendo construídas por seus atores como elementos flexíveis, que se encontram em movimentos ininterruptos, orientando atitudes e condutas diárias. A apreensão desse espaço demandou uma pesquisa que exigiu uma proposta metodológica multidimensional, realizada a partir da coleta e do processamento de um conjunto de informações advindas de narrativas desenhadas e escritas. Os resultados da análise dos dados, de maneira geral, registraram duas dimensões de imagens permeando a representação social da escola para os universitários investigados. A primeira, compartilhada pelos estudantes de Pedagogia, indicou uma escola idealizada com seus materiais escolares e ambientes típicos de uma escola de ensino infantil ou fundamental. A segunda, descrita por alunos de Medicina, expôs a escola do presente ou a escola em que vivem como alunos. Uma escola que tem como luta o crescimento pessoal, oferecendo condições materiais e físicas.

*Palavras-chave:* representações sociais; imagem; escola.

## Absctract

*This text looks for to discuss by means of social representations, the image of paulistas university students group have about the school. To understand it as knowledge space, commitment and challenge was necessary to consider the images that are being constructed by their actors as mellowed elements that found in uninterrupted movements directing attitudes and y daily conduct. The seizure of this space demanded a research that required a multidimensional methodological proposal, makes from the collection and a whole information processing come after writing and designed narratives. Data analysis resulted in general way, included two image dimensions to go through the school social representation to the university students researches. The first, shared by Pedagogy students, indicated one idealized school with their school supplies and typical environments of early childhood teaching or Elementary. The second, describes by Medicine students, expound the current school, or the school in which live as students. School that have the personal development as challenge, offering material and physical conditions.*

Keywords: *Social representations; image; school.*

## Resumen

*Este texto busca discutir, por medio de las representaciones sociales, las imágenes que un grupo de universitarios paulistas tienen de la escuela. Para comprenderla como un espacio de conocimiento, compromiso y desafíos fue necesario considerar las imágenes que están siendo construidas por sus actores como elementos flexibles, que se encuentran en movimientos ininterrumpidos, orientando actitudes y conductas cotidianas. La aprehensión de este espacio demandó una investigación que exigió una propuesta metodológica multidimensional, realizada a partir de la colecta y del procesamiento de un conjunto de informaciones sobrevino de narrativas diseñadas y escritas. Los resultados del análisis de los datos, de manera general, registraron dos dimensiones de imágenes atravesando la representación social de la escuela para los universitarios investigados. El primero, compartido por los estudiantes de Pedagogía, indicó una escuela idealizada con sus útiles escolares y ambientes típicos de una escuela de enseñanza infantil o primaria. La segunda, descrita por los alumnos de Medicina, describió la escuela del presente, o la escuela en que viven como alumnos. Una escuela que tiene como desafío el desarrollo personal, ofreciéndoles condiciones materiales y físicas.*

Palabras claves: *Representaciones sociales; imágenes; escuela.*

## Referências

- Baczko, B. (1985). "Imaginação social". In: *Anthropos/Homem. Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edição 70.
- Durand, G. (2001). *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 2 ed. Rio de Janeiro, Difel.
- \_\_\_\_\_. (2002). *As estruturas antropológicas do imaginário*. 3 ed. São Paulo, Martins Fontes.
- Freire, P. (1979). *Educação e mudança*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Gadotti, M. (2003). *Concepção dialética da educação. Um estudo introdutório*. 14 ed. São Paulo, Cortez.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos Científicos.
- Goffman, E. (2002). *A representação do eu na vida cotidiana*. 10 ed. Rio de Janeiro, Vozes.
- Houaiss, A. e Villar, M. de S. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva.
- Jovchelovitch, S. (2000). *Representações sociais e esfera pública. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Rio de Janeiro, Vozes.
- \_\_\_\_\_. (2007). *Knowledge in context Representations, community and culture*. Londres e Nova York, Routledge.
- Libâneo, J. C. (2004). *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 7 ed. São Paulo, Cortez.
- Maffesoli M. (1995). *A contemplação do mundo*. Trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre, Artes e Ofícios.
- Marcondes, A. P. (2004). *A avaliação institucional do Ensino Superior*. Tese de doutorado. São Paulo, PUC-SP.
- Moliner, (1996). *Images et représentations sociales*. Paris, Presses Universitaires de Grenoble.
- Moreira, A. e Oliveira, D. C. (orgs.) (1998). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. São Paulo, AB.
- Morin E. (2002). *Ciência com consciência*. 6 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar.
- \_\_\_\_\_. (2003). *Psicologia social – Representações sociais – Investigações em psicologia social*. Petrópolis, Vozes.

- Patlagean, E. (2001). "A história do imaginário". In: Goff, J. Le. *A história nova*. São Paulo, Martins Fontes.
- Rios, T. A. e Lorieri, M. A. (2004). *Filosofia na escola. O prazer da reflexão*. São Paulo, Moderna.
- Rodrigues, N. (2003). *Glórias e misérias da razão. Deuses e sábios na trajetória do mundo*. São Paulo, Cortez.
- Saviani, D. (1991). *Escola e democracia*. São Paulo, Autores Associados e Cortez.

Recebido em outubro de 2006.

Aprovado em março de 2007.

---

*Sandra Lúcia Ferreira Acosta Soares*

Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela PUC-SP, Brasil

E-mail: [jmsl@uol.com.br](mailto:jmsl@uol.com.br)

*Clarilza Prado de Sousa*

Professora Titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em

Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP, Brasil

E-mail: [clarilza.prado@uol.com.br](mailto:clarilza.prado@uol.com.br)

## Anexo – Matriz descritiva dos desenhos

Focos	Categorias	Subcategorias	Medicina	Pedagogia	Geral	
O espaço da escola	1 - Escola - tipo	Não foi possível identificar	47%	40%	44%	
		Infantil/Fundamental	11%	53%	32%	
	2 - Apresentação da escola	Não foi possível identificar	45%	0%	22%	
		Símbolos afetivos, relações amorosas	11%	60%	36%	
		Presença do professor e do aluno	26%	78%	53%	
		Material escolar	34%	63%	49%	
		Estrutura física	53%	85%	69%	
		Movimento de transformação e mudança	18%	25%	22%	
	3 - Ideal de escola	Não foi possível identificar	42%	8%	24%	
		Reflexão e conhecimento	13%	40%	27%	
		Movimento – transformação	16%	28%	22%	
		Investimento no aspecto físico	37%	30%	33%	
	4 - Potencialidade da escola	Cultura/conhecimento, educar, instruir e socializar	21%	45%	33%	
		Uma vida feliz	18%	33%	26%	
		Vencer na vida/profissionalização	21%	8%	14%	
		Transformação social	18%	13%	15%	
	5 - Construções	Sem construção	39%	15%	27%	
		Casa	11%	35%	23%	
		Prédio	55%	15%	35%	
		Sem muro e sem portão	47%	45%	46%	
		Sala de aula tradicional	21%	33%	27%	
		Sem portão	58%	85%	72%	
		Sem porta	21%	55%	38%	
		Porta fechada	26%	33%	29%	
		Porta aberta	18%	15%	17%	
		Sem indicação de entrada	89%	75%	82%	
	6 - Materiais escolares	Didáticos	Lousa/giz/apagador	29%	45%	37%
			Livro	16%	45%	31%
		Mobiliário	Mesa	11%	33%	22%
			Carteira	28%	18%	23%
7 - Ambientes escolares	Dentro	Não identificado	50%	38%	44%	
		Sala de aula	34%	50%	42%	
		Espaço cultural –Sala de arte	24%	25%	24%	
	Fora	Quadra de esportes	16%	30%	23%	
		Jardim	24%	45%	35%	
		Pátio/campus	18%	28%	23%	
		Comunidade	21%	13%	17%	

## Anexo – Matriz descritiva dos desenhos

Focos	Categorias	Subcategorias	Medicina	Pedagogia	Geral			
Os personagens	8 - Identificação dos atores	Não há nenhum personagem na cena		13%	8%	10%		
		Não identificado		47%	40%	44%		
		Sexo	Masculino	39%	75%	58%		
			Feminino	42%	83%	63%		
		Especificação	Sem identificação		53%	33%	42%	
			Aluno	45%	75%	60%		
	Professor		26%	63%	45%			
	9 - Figura humana	Composição	Em grupo		63%	58%	60%	
			Corpo incompleto		84%	45%	64%	
			Sem expressão		74%	58%	65%	
		Esquema	Feliz		13%	60%	37%	
			Parado		76%	45%	60%	
		Ação	Movimento	Lecionando		21%	23%	22%
				Bricando		5%	30%	18%
				Estudando/lendo		16%	15%	15%
10 - Localização	Dentro – na sala de aula		29%	33%	31%			
	Fora	Dos muros da escola		68%	28%	47%		
		No pátio		37%	30%	33%		
		Na quadra		32%	23%	27%		
		No jardim		24%	23%	23%		
Os símbolos	11 - Tipos de símbolos	Coração		3%	13%	8%		
	12 - Objetos; 13 - Animismo – nenhuma manifestação acima ou igual a 10%							
	14 - Natureza	Animal	Pássaro		11%	10%	10%	
			Vegetal	Folhagem/verduras		5%	15%	10%
				Gramma		21%	38%	29%
		Árvore		37%	53%	44%		
		Mineral	Céu		24%	23%	23%	
			Sol		18%	30%	24%	